



ESTÉTICA E ALTERIDADE EM *O NATIMORTO: UM MUSICAL SILENCIOSO*, DE LOURENÇO MUTARELLI

AESTHETICS AND OTHERNESS IN *O NATIMORTO: UM MUSICAL SILENCIOSO*, BY LOURENÇO MUTARELLI

Manuela Souza¹ (UFSM)

RESUMO

A contemplação estética na filosofia de Arthur Schopenhauer serve como uma forma de neutralizar o sofrimento da existência, ainda que por instantes, funcionando como um “quietivo do querer” através do qual suprime-se a individualidade. É com essa mesma negação do querer que se chegará no caminho ético da compaixão e da ascese, entendida como único meio de redenção para esse “mundo de penúrias”. Em *O Natimorto: Um musical silencioso* (2009) Lourenço Mutarelli aborda justamente as atribulações desse desprendimento da vontade individual. Na trama, O Agente, fascinado pelo canto d’A Voz, apresenta-a para A Esposa, a qual ridiculariza a ambos por valorizarem o silêncio como talento, tal qual fará O Maestro, visto que nada de audível pode ser apreendido do canto. Cansado das constantes humilhações e agressões alheias, O Agente propõe à Voz uma vida isolada em que apenas fruiriam um ao outro. Porém, seu plano é falho, pois que A Voz não segue exatamente o que ele pretendia, fazendo com que sua tentativa de negação dos impulsos do querer fossem frustradas, levando-o a uma entrega completa ao egoísmo, inveja e crueldade. Assim, partindo da proximidade entre as noções de estética e ética em Schopenhauer e do conceito de alteridade, analisa-se o problema do manejo do outro que atravessa o eu, restando a realização de suas vontades, mostrando como as posições assumidas pelas personagens, especialmente O Agente e A Voz, confluem em uma atitude de aniquilação do insuperável traumático que confronta o eu com o outro.

Palavras-chave: Estética. Ética. Alteridade.

ABSTRACT

The aesthetic contemplation in Arthur Schopenhauer’s philosophy neutralizes the suffering of existence, even if only briefly, working as a “quietive of the will” through which individuality is suppressed. It is with this denial of the will that the ethical path of compassion and asceticism will be reached, the last understood as the only means of redemption for this “world of penury”. In *O Natimorto: Um musical silencioso* (2009) Lourenço Mutarelli approaches the tribulations of this detachment from one’s individual desires. In the story, O Agente, fascinated by the singing of A Voz, introduces her to A Esposa, who ridicules them for valuing silence as talent, just like O Maestro will do, since nothing audible is heard from the singing. Tired of constant humiliations and hostilities from the others, O Agente proposes to A Voz living an isolated life in which they only basked in each other. His plan, however, is flawed, because A Voz does not follow exactly what he intended, causing the attempt of denying his will to fail, leading him to a complete surrender to selfishness, envy, and cruelty. Thus, through the proximity between the notions of aesthetics and ethics in Schopenhauer and of otherness, the problem of dealing with the other who stands in the way of the self, restraining the fulfillment of their will is analyzed, showing how

¹ Possui graduação em Letras – Português/ Inglês e suas Respectivas Literaturas pela Universidade Federal de Pelotas (2017). Atualmente é mestranda no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: manuusouzamachado@gmail.com



the positions assumed by the characters, especially O Agente and A Voz, converge in an attitude of annihilation of the insurmountable that confronts the self with the other.

Keywords: Aesthetics. Ethics. Otherness.

1 INTRODUÇÃO

O Natimorto: Um musical silencioso, publicado originalmente em 2004 pela *Dórea Books and Art* (DBA) como parte da coleção “Risco: Ruído” e relançado pela Companhia das Letras em 2009, é o segundo romance de Lourenço Mutarelli, precedido pela obra mais conhecida do autor, *O cheiro do ralo* (2002). Mutarelli começou sua carreira como quadrinista, tendo uma vasta produção na qual figuram, dentro outros, os álbuns *Transubstanciação* (1991), *Mundo pet* (2004), *A Caixa de Areia ou Eu Era Dois Em Meu Quintal* (2006), *Quando Meu Pai se Encontrou com o ET Fazia Um Dia Quente* (2011) e os 4 volumes que compõem *Diomedes: a trilogia do acidente* (2012). A experiência inicial com os quadrinhos influenciará em grande medida sua produção literária posterior, o que se percebe no frequente uso dos diálogos, por exemplo, cedendo a seus escritos leveza e rapidez na leitura. Para além disso, chama a atenção na estética de Mutarelli a recorrência dos grandes centros urbanos como pano de fundo por excelência de suas histórias; os personagens tipicamente “fracos, incompetentes, dessorados, humilhados, inseguros, ineptos, às vezes abjetos – quase sempre atacados de envergonhada e paralisante ironia”, anti-heróis, na definição de Victor Brombert (2001, p. 14); assim como a busca frequente por refúgio em locais fechados, núcleos das histórias, onde se tenha uma proteção contra as hostilidades do mundo, conforme explora Pascoal Farinaccio em “Espaços claustrofóbicos na obra de Lourenço Mutarelli” (2013).

Em *O Natimorto*, acompanha-se O Agente, típico exemplo do anti-herói; personagem que se encontra em um casamento fracassado, permeado pelas traições da Esposa com O Maestro, seu amigo e parceiro de trabalho. Ele deveria agenciar A Voz, a quem se refere como “Voz da Pureza” (MUTARELLI, 2009, p. 11) tamanha é sua admiração pelo talento da cantora. Antes de apresentá-la ao Maestro, A Voz conhece A Esposa e é assim que esta descobre que o canto o qual O Agente tanto admira e do qual tanto falava nada mais é do que o silêncio, pois que nenhum som audível percebe-se quando A Voz canta:

LÍNGUA E LITERATURA

TEORIA E ENSINO:

VOZES, LINGUAGENS, CONTEXTOS



A sua boca começa a se mover.
E seu rosto se transfigura a cada instante.
Para alguém menos refinado,
a impressão pode ser de que ela só esteja ali, de pé,
movendo a boca a esmo, ao acaso.
Mas isso só para os seres de uma natureza muito bruta. [...]
Quanto a mim, me derramo em lágrimas.
E sinto todo o meu corpo arrepiar-se diante de um momento quase sacro.
Transcendente (MUTARELLI, 2009, p. 15).

A recepção da Esposa para tal espetáculo é absolutamente negativa. Ela expulsa os dois de casa, ridicularizando-os:

A Esposa — Então me diz, Voz do Nada, quer dizer que além de pensar que canta você também toca flauta mágica? Porque, para trepar com ele, só se for assim. O coitado é broxa!
A Voz — Por favor! Que nível!
O Agente — Querida, por favor, chega!
A Esposa — E você, seu rato... Seu nada... Ainda tem coragem de defendê-la! [...]
A Esposa — Se você for com ela, não volta. Se você cruzar essa porta com ela, nem precisa voltar (MUTARELLI, 2009, p. 18-19).

O Agente, por sua vez, após essa cena degradante, propõe à Voz que, com as economias que ele possui guardadas poderiam viver por um bom tempo no quarto de hotel no qual A Voz deveria ficar hospedada, onde estariam protegidos contra a humilhação e a depreciação dos outros e passariam fruindo um ao outro, ela cantando, ele contando as histórias que ela diz gostar de ouvir, até que eventualmente fossem esquecidos ali:

O Agente — Eu não suporto mais ser agredido.
O Agente — Então eu te proponho isso.
A Voz — Isso o quê?
O Agente — Bom, com as economias que eu tenho, nós poderíamos viver aqui neste quarto de hotel por uns cinco ou seis anos.
A Voz — Meu Deus!
O Agente — E veja bem: isso sem nunca precisarmos sair daqui.
O Agente — E ainda existe a chance de que por fim nos esqueçam aqui, aí então viveríamos aqui pelo resto de nossas vidas... protegidos... [...]
O Agente — Pediríamos o cigarro pela manhã e saberíamos qual seria a nossa sorte do dia.
O Agente — Se você quisesse, poderíamos dividir o mesmo maço e, assim, teríamos o mesmo destino (MUTARELLI, 2009, p. 32-33).

Desde seu primeiro contato, quando O Agente vai buscar A Voz em uma estação rodoviária, ela já reconhece que ele seria um ótimo escritor em razão das ideias e histórias que ele conta e as quais ela acha muito divertidas e criativas. Dentre elas se encontra o jogo de releitura dos arcanos de tarô nas imagens de advertência contra o tabagismo que aparecem nos



maços de cigarros, adaptando a tradição milenar do tarô para o que ele chama de “novos tempos” (MUTARELLI, 2009, p. 12) — fumando um maço por dia ele acredita que a imagem recebida determinará a sua sorte durante esse intervalo de tempo, conforme referenciado no final do diálogo acima transcrito. Apesar de, por puro entretenimento, encorajar inicialmente esse plano disjuntivo ao qual ele a convida, A Voz, contudo, não chega a leva-lo realmente a sério. Ela eventualmente sai do quarto, já que não se sente agredida pelo mundo da mesma forma que O Agente, deixando-o sozinho para enfrentar seu próprio ser. É com isso que o Agente, o qual a partir da contemplação estética do canto da Voz intentava uma forma de superação das dores da existência, passa a esbarrar com o inexpugnável confronto com o outro que se coloca no caminho da realização da vontade do eu.

O romance de Mutarelli pode ser definido como tragicômico, conforme defende André Vilela em sua dissertação de mestrado (2016). Essa classificação se deve em parte pela leitura da obra sob o viés da filosofia de Arthur Schopenhauer, de quem o próprio Agente se afirma leitor e preconiza ser fundamental o conhecimento de sua obra magna: “O Agente — É preciso ler *O mundo como vontade e representação*. É o mínimo que podemos fazer” (MUTARELLI, 2009, p.63). A citação na epígrafe do trabalho de Vilela ilustra de forma plena essa característica fundamental, segundo Schopenhauer, da própria existência:

A vida do indivíduo, quando vista no seu todo e em geral, quando apenas seus traços mais significativos são enfatizados, é realmente uma tragédia; porém, percorrida em detalhes, possui o caráter de comédia, pois as labutas e vicissitudes do dia, os incômodos incessantes dos momentos, os desejos e temores da semana, os acidentes de cada hora, sempre produzidos por diatribes do acaso brincalhão, são puras cenas de comédia (SCHOPENHAUER, 2005, p. 414-415 apud VILELA, 2016, p.7).

Assim, partindo do pensamento de Schopenhauer no que tange o papel da contemplação estética e da correlação desta com as noções de ética e alteridade, pretende-se aqui analisar brevemente a relação entre os personagens O Agente e A Voz, que culmina na atitude de aniquilação do insuperável traumático que confronta o eu com o outro.

2 SOBRE ESTÉTICA E ÉTICA NA FILOSOFIA DE SCHOPENHAUER



Para Schopenhauer², o mundo se apresenta de forma dupla como absolutamente representação, “objeto do sujeito que conhece” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 215) e absolutamente Vontade, a qual ele identifica como a “coisa-em-si”, a “essência íntima do mundo” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 228), um princípio volitivo irracional e jamais saciável por não possuir uma finalidade, tornando a existência como um todo absurda “em sua ânsia de viver e obter satisfação de um desejo” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 8). Se por um lado não se pode indicar um fundamento para a Vontade, por outro, é sempre possível perguntar-se por uma causa para cada movimento isolado dos fenômenos da Vontade, os quais se encontram no espaço e no tempo. Da mesma forma, todo agir, todo ato isolado da vontade dos indivíduos³, é sempre justificado por um motivo que o conduz. O homem, portanto, é um escravo eterno do querer, pois que vive em função da consumação de suas vontades, as quais, assim que satisfeitas, cedem espaço para novas aspirações, em um ciclo eterno. Daí a conclusão de Schopenhauer sobre a vida ser sempre dor e sofrimento:

Todo querer tem de nascer de uma necessidade; toda necessidade, entretanto, é uma carência sentida, a qual é forçosamente um sofrimento. Decerto, toda satisfação põe fim a esse sofrimento. Mas, 1) o desejo retorna rápido e fácil; a satisfação, de modo lento e difícil; para cada desejo satisfeito, permanecem contra ele pelo menos dez que não o são. Nossa cobiça dura muito e nossas exigências não conhecem limites [...] 2) a satisfação última de um desejo é, nela mesma, apenas aparente: nada nos torna efetivamente contentes (SCHOPENHAUER, 2003, p. 90).

A redenção do mundo estaria, assim, na supressão de todo querer. É com a sua metafísica do belo, contudo, que Schopenhauer propõe a possibilidade de um momento reconfortante de consolo.

Segundo o filósofo, a Vontade, coisa-em-si do mundo, teria como sua mais adequada objetividade as Ideias, as quais seriam contempláveis esteticamente na natureza e na arte, implicando na negação momentânea do querer e na supressão da individualidade, ou seja, o

² Não cabe aqui esmiuçar as propostas de Schopenhauer, mesmo pois que não se trata de uma discussão teórica destas, mas sim de uma aproximação entre filosofia e literatura, a partir da qual apresenta-se uma leitura possível do romance de Mutarelli. Assim, todo o aqui exposto a respeito de tais considerações filosóficas configura-se como uma síntese bastante resumida dos pontos principais de interesse para a compreensão da visão expressa a propósito do romance.

³ Ressalta-se aqui, como o faz Jair Barboza em nota da tradução de *O mundo como vontade e representação* (2005, p. 169), a diferença entre “Vontade” grafada com inicial maiúscula, a qual se refere à essência do mundo, a “coisa-em-si”, também identificada como “Vontade de vida”, de “vontade” com inicial minúscula, representando o fenômeno da primeira.



sujeito se liberta das angústias de sua existência, tornando-se “puro sujeito do conhecer”. No instante, porém, em que um “mínimo interesse surja na consciência, que um ínfimo signo do cotidiano acene” (BARBOZA, 2001, p. 64), tem-se o retorno ao estado fundamental de sofrimento.

A metafísica do belo conforme proposta por Schopenhauer preludia a sua metafísica da ética, na qual se discutem as ações humanas, sendo, por conseguinte, de origem estética “a descoberta que leva à negação da vontade” (FELLOWS, 2011, p. 46); tem-se, assim, o parentesco entre ética e estética na filosofia schopenhaueriana. Assumir o modo ético implica seguir o caminho da compaixão o qual, em seu ápice, teria como fim a atitude do asceta, aquele que renuncia a existência, negando deliberadamente a Vontade por saber ser ela a fonte de todo sofrimento. Para o asceta:

[...] não mais adianta amar aos outros como a si mesmo, por eles fazer tanto, como se fosse por si, mas nasce uma repulsa pela Vontade de vida, núcleo e essência de um mundo reconhecido como povoado de penúrias. Renega, por conseguinte, precisamente essa essência que nele aparece expressa já em seu corpo. Seus atos desmentem agora o fenômeno dessa essência, entram em contradição flagrante com ele. [...] Seu corpo saudável e forte exprime o impulso sexual pelos genitais; porém agora nega a Vontade e desmente o corpo: não quer satisfação sexual alguma [...] Voluntária e completa castidade é o primeiro passo na ascese ou negação da Vontade de vida (SCHOPENHAUER, 2005, p. 482-483).

Ele não deixa de expressar impulsos volitivos, mas já intencionalmente os nega, agindo sempre contra o que gostaria, suportando todo sofrimento e praticando mesmo a autopunição, privando-se constantemente de todo e qualquer querer.

Revela-se ao asceta, conseqüentemente, o nada, já que ao suprimir-se a Vontade, suprimem-se também todos os seus fenômenos. Esse nada, porém, só pode ser compreendido como conceito relativo em oposição ao ser. Contudo, Schopenhauer atenta para o fato de que tal estado não pode ser de fato conhecido por alguém a não ser através da experiência e mesmo após a qual não se pode ser comunicado, pois que resultaria em palavras vazias de sentido (SCHOPENHAUER, 2005, p. 519). Logo, se já em um “grau mais primário” (DEBONA, 2010, p. 22) através da contemplação do belo, assim como pelo meio ético da compaixão, atingia-se o silêncio, isto é, o “limite do dizível” (DEBONA, 2010, p. 27) frente à intuição da totalidade do mundo, no grau mais elevado, o ascetismo, o que resta, portanto, é apenas o silêncio, conforme aponta Jair Barboza em nota da tradução de *O mundo como*



vontade e representação: “a linguagem fracassa nesse momento final de sua filosofia, e o que resta é o silêncio, ou seja, o nada. Nada de mundo, nada de linguagem. Silêncio simplesmente” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 519). Daí a conclusão, também exposta por Barboza, de que: “o sentido do mundo não é apreensível pela linguagem [...] É no silêncio que se apreende o *quê* do *como* do mundo” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 15, grifos do autor).

3 ALCANÇANDO A ALTERIDADE ATRAVÉS DA ESTÉTICA

Nadja Hermann discute em “O aparecimento do outro no cenário filosófico moderno” (2014) o papel de Schopenhauer, assim como de Nietzsche, como filósofos que abrem caminho para novas possibilidades de discussão no que tange o manejo do outro no campo da ética. A respeito de Schopenhauer, Hermann ressalta em seu texto o papel da metafísica do belo e da metafísica da ética schopenhauerianas para a possibilidade de discussão da alteridade, conceito esse que permeia sua escrita, apesar de não ter sido expressamente referido pelo filósofo (ROCHA, 2014, p. 47). Conforme visto anteriormente, através da contemplação estética refreia-se a Vontade, produzindo-se, assim, um “consolo metafísico” (HERMANN, 2014, p. 339) que permite a superação momentânea das dores e sofrimentos da existência.

A ânsia eterna pela constante satisfação de suas vontades faz com que prevaleça nos indivíduos o egoísmo, pelo qual preocupam-se apenas com seu próprio bem-estar (SCHOPENHAUER, 2005, p. 475), e a inveja, a qual emerge sempre que são privados do objeto de seu querer e agrava-se quando da percepção do gozo alheio, assim como o sentimento de insatisfação e contrariedade será sempre apaziguado quando do entendimento que os outros também sofrem da mesma privação (SCHOPENHAUER, 2005, p. 464). A impossibilidade de realização das vontades pode ainda resultar em crueldade ao ser sentida como uma “dor incurável” que faz com que se procure “mitigar o seu sofrimento na visão do sofrimento alheio [...] [o qual torna-se] um espetáculo que lhe regozija” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 464). O abismo existente entre o eu e o outro, que propulsiona também esses sentimentos, gerando sempre violência e destruição (HERMANN, 2014, p. 339) é suprimido, contudo, no momento da intuição estética, que permite a cada um se ver no outro e perceber que o outro é igualmente movido pelo querer, já que é também objetivação da Vontade,



essência comum de tudo, apagando-se, assim, as diferenças entre eles. A libertação do egoísmo se dá, por sua vez, a partir do sentimento de compaixão que se revela quando da intuição de que assim como para mim, a existência para o outro é também sofrimento. Enxerga-se o mundo agora sem que este esteja sendo ocultado pelo Véu de Maia, através do qual o percebemos não em sua essência, mas como que em uma ilusão; fora do *principium individuationis*, o qual se refere ao tempo e ao espaço, pelos quais a Vontade, coisa-em-si, essência una, pode aparecer como pluralidade em tudo o que existe:

Se aquele Véu de Maia, o *principium individuationis*, é de tal maneira retirado aos olhos de um homem que este não faz mais diferença egoística entre sua pessoa e a de outrem, no entanto compartilha em tal intensidade dos sofrimentos alheios como se fossem os seus próprios e assim não é apenas benevolente no mais elevado grau mas está até mesmo pronto a sacrificar o próprio indivíduo tão logo muitos outros precisem ser salvos; então, daí, segue-se automaticamente que esse homem reconhece em todos os seres o próprio íntimo, o seu verdadeiro si-mesmo, e desse modo tem de considerar também os sofrimentos infintos de todos os viventes como se fossem seus [...] Se, portanto, quem ainda se encontra envolvido no *principio individuationis* conhece apenas coisas isoladas e sua relação com a própria pessoa, coisas que renovadamente se tornam MOTIVOS para seu querer, ao contrário, aquele conhecimento do todo e da essência das coisas torna-se QUIETIVO de toda e qualquer volição (SCHOPENHAUER, 2005, p. 481-482, grifos do autor).

Assim, conforme aponta Hermann (2014, p. 340), é com a negação da Vontade que a compaixão prepara o indivíduo para o reconhecimento do outro e para a superação da alteridade que os separa. A negação máxima da Vontade se dá, por fim, na passagem da virtude para a ascese, conforme referido anteriormente.

4 ESTÉTICA E ALTERIDADE EM O NATIMORTO

A partir dessas pinceladas sobre os conceitos de estética, ética e alteridade na visão aqui abordada, passa-se agora para a aproximação destes na obra analisada.

A construção da alteridade para O Agente é fundamental, pois que é só através dela que ele consegue reconhecer e validar sua existência, conforme já aponta Ana Paula Rodrigues da Silva em “O jogo da escrita e a prisão de Narciso” (2016, p. 8-9). Isso se expressa claramente quando ele pede à Voz que pense nele quando estiver longe para que ele não deixe de existir:

LÍNGUA E LITERATURA

TEORIA E ENSINO:

VOZES, LINGUAGENS, CONTEXTOS



O Agente – Eu queria te pedir que procurasse se lembrar de mim ao menos uma vez por dia durante o tempo que você passar fora do hotel. [...]

O Agente – É que eu acho que, quando estou longe das pessoas, eu deixo de existir.

A Voz – Que ideia maluca! Como assim?

O Agente – Não dá pra ser mais claro que isso. É uma sensação que me acompanha há muito tempo e que a cada dia se torna mais forte, entende?

A Voz – Não (MUTARELLI, 2009, p. 43-44).

Cansado de estar sempre sujeito à dor e sofrimento, os momentos de apreciação do canto da Voz tiram-no da esfera cotidiana, fazendo com que esses sentimentos sejam como que esquecidos temporariamente. O silêncio do canto para ele, leitor assumido de Schopenhauer, representa o silêncio advindo da intuição estética, do momento de contemplação em que se entende a essência do mundo, ainda que apenas de forma momentânea, pois que não consegue manter-se desvencilhado de seu querer. Daí a ironia velada na fala da Esposa ao referir-se à Voz como “Voz do Nada” (MUTARELLI, 2009, p. 18), já que, de fato, é isso que A Voz representa, o nada como aquele “limite do dizível” (DEBONA, 2010, p. 27). No mundo fictício de Mutarelli o absurdo de uma cantora que canta o silêncio se justifica, assim, no contraste com os personagens que simbolizam o ser humano em sua natureza mais crua, mais dessensibilizada para com o outro. É a ilogicidade cômica imiscuindo-se no mundo trágico.

Segundo Schopenhauer, em contraponto ao modo compassivo, a possibilidade de uma vida feliz para o homem comum estaria relacionada com o levar uma vida suportável, com o mínimo de sofrimento possível, o qual só será exequível através do controle e da prudência frente à “cegueira dos desejos” (BARBOZA, 2008, p. 122), fontes das penúrias da existência. Para tanto, torna-se imprescindível não conceder demasiado valor ao olhar do outro, aos seus juízos e opiniões em relação ao eu, pois que assim ter-se-ia uma vida miserável (SCHOPENHAUER, 2017, p. 125). Esse é o caminho da eudemonologia em Schopenhauer, a ciência da vida feliz, segundo a qual: “O homem razoável persegue a ausência de dor, não o prazer” (SCHOPENHAUER, 2017, p. 136).

O que O Agente intenta com seu plano disjuntivo é justamente viver uma vida o menos permeada por sofrimentos possível, esforçando-se para aos poucos desprender-se do querer, em busca da superação dos tormentos da existência. Tal desígnio é, todavia, falho já em seu princípio. O rechaço imediato da Esposa ao que para ele parece tão belo já faz com que ele se sinta desprezado, reforçando uma alteridade negativa a partir da importância dada



ao olhar do outro, do qual não consegue se desvencilhar. É, contudo, incabível para ele ser o único a sofrer com isso, o que o impele, em uma tentativa de buscar conforto em saber que o outro também sofre, conforme explicava Schopenhauer, a convencer A Voz que o mesmo também aconteceria a ela caso continuasse no convívio comum:

O Agente – Eu te proponho isso por sua delicadeza, pelo dom de sua voz.
O Agente – Sabe, minha mulher não percebeu o grau de elevação e refinada sofisticação que existe em seu canto.
O Agente – É minha mulher, ou, quem sabe, minha ex-mulher é uma pessoa comum.
O Agente – Ou seja, as pessoas comuns, todas elas, não poderão perceber o seu talento.
A Voz – Eu não estou acreditando no que estou ouvindo.
O Agente – Você não percebe?
O Agente – As pessoas vão te agredir também.
O Agente – Elas vão tentar te destruir.
O Agente – Porque elas não terão capacidade para compreender o seu dom (MUTARELLI, 2009, p. 32).

Seu projeto não se sustenta também por ele não conseguir conter seus impulsos sexuais, tornando-se casto. Segundo ele, desde que descobriu as traições da Esposa com O Maestro teria se decidido a buscar a assexualidade para se preservar desse contato que o causava nojo (MUTARELLI, 2009, p. 30). Porém, quando passa a conviver com A Voz não consegue mais refrear seu desejo:

Desejo
e me esforço
por não desejar. [...]
O Agente – Eu recorri à primeira história que me veio à mente por causa da minha determinação... você sabe, quanto a minha opção... assexual.
A Voz – Minha nudez te desconcertou?
O Agente – É, eu não esperava essa naturalidade.
A Voz – Te excitei?
O Agente – Prefiro não falar sobre isso.
A Voz – Por quê?
O Agente – Porque isso me excitaria ainda mais (MUTARELLI, 2009, p. 65-68).

Os sentimentos de humilhação e ressentimento são constantemente experimentados pelo Agente por conta da Esposa que não o procura depois de ele sair de casa:

Percebo que não me lembrei de desligar o celular.
E, por mais estranho que possa parecer, ele não tocou.
Isso é desconcertante.
Não faz sentido.
Nem mesmo minha mulher tentou me chamar (MUTARELLI, 2009, p. 40).



Por conta também da posição de inferioridade na qual se sente em relação ao Maestro, o qual ele tem certeza seduzirá A Voz mantendo também com ela um caso assim que se encontrarem quando ela for cantar para ele:

Hoje é o dia
do Maestro. [...]
Recordo
quando minha
antiga mulher
conheceu
o Maestro (MUTARELLI, 2009, p. 87).

Por fim, também pela própria Voz, que não só se encanta pela figura do Maestro, falando apenas dele para O Agente quando retorna do encontro com ele ao quarto de hotel, como também passa a desprezar o jogo de adivinhação da sorte dos dias que tanto a haviam fascinado:

A Voz – Nossa, ele é incrível!
O Agente –
A Voz – Ele é tão inteligente, tão educado, tão...
O Agente –
A Voz – Ai! Eu estou até tonta! Bebi tanto vinho.
O Agente – Eu sabia que você ia se impressionar com ele.
A Voz – Ele é fantástico.
O Agente – (MUTARELLI, 2009, p. 92)

O Agente – Trouxe o cigarro?
A Voz – Trouxe.
O Agente – Tirei o Natimorto, e você?
A Voz – Não sei.
O Agente – Como não sabe? Não olhou?
A Voz – Eu comprei uma cigareira. [...]
O Agente – Por quê?
A Voz – Cansei dessa brincadeira.
O Agente – Que brincadeira?
A Voz – Você sabe.
O Agente – Eu não sei.
A Voz – Estava me incomodando, essa coisa de desvendar meu dia.
O Agente – As imagens visam te ajudar, te prevenir.
A Voz – Você leva suas ideias muito a sério (MUTARELLI, 2009, p. 96).

Assim, O Agente não consegue mais se controlar e, “escravo da vontade” (MUTARELLI, 2009, p. 93) conforme ele mesmo se afirma, fica absorto em planos de vingança contra todos eles por se colocarem no caminho de seu querer. O Agente se abandona na impossibilidade de lidar com a alteridade dos outros que o impedem de efetivar sua



vontade, revelando a dificuldade no enfrentamento da contingência externa que representa o contato com o outro:

Então
ela vem,
a força.
Uma força desmedida,
plena de revigorante prazer.
E depois dela
será o Maestro.
E depois
o filho dele.
E depois minha ex.
[...] e quem mais
cruzar meu caminho. [...]
Ninguém mais vai me ferir
com olhares
ou palavras.
Ou com descaso.
Ninguém mais
me abandonará
sozinho (MUTARELLI, 2009, p. 126-127).

É assim que a crueldade, conforme vista anteriormente, toma espaço e ele começa a planejar literalmente “comer” a Voz:

Está tudo planejado.
Cuidadosamente planejado.
Ela pesa em torno de sessenta quilos no máximo.
Se eu conseguir comer cinco quilos de carne por dia,
seis vezes cinco, trinta,
em menos de dez dias
não sobrarão mais nada (MUTARELLI, 2009, p. 122).

Dá o diálogo final da obra: “O Agente — Quanto você pesa? / A Voz — Cinquenta e seis quilos, por quê? / O Agente — Por nada” (MUTARELLI, 2009, p. 133). Esse nada representando, assim, justamente o oposto do nada enquanto silêncio, limite do dizível. É o nada da existência absurda com sua essência sem fundamento que submete o indivíduo ao jugo eterno do querer. Tem-se, assim, um final tragicômico consistente com o tragicômico da própria existência que o afirma.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS



Através da aproximação entre literatura e filosofia buscou-se aqui expor uma possível leitura desse romance que já intriga o leitor mesmo pela sua construção estética híbrida, conforme pode ser visto nas passagens acima referidas, aproximando-se de uma peça de teatro, mas também de uma escrita poética, assim como por ser o ápice do característico movimento dos personagens de Mutarelli de busca por refúgio em locais fechados e aparentemente seguros.

A reciprocidade entre os conceitos de estética e ética em Schopenhauer possibilitam o entendimento, no romance de Mutarelli, das falhas no agir desse anti-herói o qual, ao passo que é custoso aceitar e justificar, também não se consegue negar certa comiseração, afinal, é próprio desse tipo de personagem estar “longe de ser o que gostaríamos de ser, no entanto, está mais perto do que realmente somos” (VILELA, 2016, p. 80). É justamente nessa experiência de reconhecimento da alteridade, pela qual também O Agente passa, que se entende o caráter tragicômico de toda existência, para o qual o caminho ético da compaixão, o fim do abismo entre eu e o outro, é um princípio de superação; para ele, contudo, escravo e agente do querer, insuperável.

REFERÊNCIAS

BARBOZA, Jair. *A Metafísica do Belo de Arthur Schopenhauer*. São Paulo: Humanitas, 2001.

_____. Uma terapia para ser menos infeliz no inferno: sabedoria de vida e prudência em Schopenhauer. *Revista AdVerbum*, v. 3, p. 119-124, ago./dez. 2008. Disponível em: <http://www.psicanaliseefilosofia.com.br/adverbum/Vol3_2/03_2_2terapia_schopenhauer.pdf>. Acesso em: 2 out. 2018.

BROMBERT, Victor. *Em louvor de anti-heróis*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

DEBONA, Vilmar. A Totalidade do mundo: Considerações sobre o silêncio nas éticas de Schopenhauer e de Wittgenstein. *Revista Ciências Humanas*, v. 3, n. 1, p. 22-28, 2010. Disponível em: <<https://www.rchunitau.com.br/index.php/rch/article/view/227>>. Acesso em: 29 out. 2018.

FARINACCIO, Pascoal. Espaços claustrofóbicos na obra de Lourenço Mutarelli. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, [S.I.], n. 42, p. 241-253, jul./dez. 2013. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/3231/323129312015.pdf>>. Acesso em: 4 out. 2018.

LÍNGUA E LITERATURA

TEORIA E ENSINO:

VOZES, LINGUAGENS, CONTEXTOS



FELLOWS, Theo Machado. A ética trágica de Schopenhauer. *Revista Voluntas: estudos sobre Schopenhauer*, v. 2, n. 1, p. 32-47, 2011/1. Disponível em:

<http://www.revistavoluntas.com.br/uploads/1/8/1/8/18183055/v2-n1-3-fellows_theo_machado.pdf>. Acesso em: 4 out. 2018.

HERMANN, Nadja. O aparecimento do outro no cenário filosófico moderno. In: BOMBASSARO, Luiz Carlos; DALBOSCO, Claudio; HERMANN, Nadja (Org.). *Percursos Hermenêuticos e Políticos: Homenagem a Hans-Georg Flickinger*. Passo Fundo: UPF Editora; Porto Alegre: EDIPUCRS; Caxias do Sul: EDUCS, 2014. p. 335-351.

MUTARELLI, Lourenço. *O Natimorto: Um musical silencioso*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ROCHA, Talita Carolina Romualdo. *A filosofia da alteridade ou o problema da ausência na filosofia contemporânea*. 2014. 80 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia)–Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Filosofia, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/15586>>. Acesso em: 2 out. 2018.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Aforismos para a sabedoria de vida*. Tradução de Gabriel Valladão Silva. Porto Alegre: L&PM, 2017.

_____. *Metafísica do Belo*. Tradução, apresentação e notas: Jair Barboza. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

_____. *O mundo como vontade e como representação*. 1º tomo. Tradução, apresentação, notas e índices: Jair Barboza. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

SILVA, Ana Paula Rodrigues da. O jogo da escrita e a prisão de Narciso. In: OLIVEIRA, Maria Rosa Duarte de; PALO, Maria José (Org.). *Impasses do narrador e da narrativa contemporânea*. 1 ed. São Paulo: EDUC, 2016. p. 283-308. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/16WLJAOPNeN3TcdECuC_MAS7WKALtSXit/view>. Acesso em: 3 set. 2018.

VILELA, André Ricardo. *O romance tragicômico de Lourenço Mutarelli*. 2016. 102 f. Dissertação (Mestrado em Letras: Estudos Literários)–Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, Niterói, 2016. Disponível em: <http://btdt.ibict.br/vufind/Record/UFF-2_6408e108df8d6b639fedc52113c27111>. Acesso em: 20 set. 2018.